

## OBRAS DO AUTOR

- Definição* (poesia), UEA, 1985  
*Fabulena* (poesia), UEA, 1986  
*Poemas Angolanos* (poesia), UEA, 1989  
*Tanto Amor* (poesia), UEA, 1989  
*Cantão do Nosso Tempo* (poesia), UEA, 1991  
Menção Honrosa do Prémio Sonangol de Literatura 1989  
*Jornalismo e Política* (ensaio), UEA, 1991  
*O Caçador de Nurems* (poesia), UEA, 1993  
*Limites & Redundâncias* (poesia), INALD, 1997  
Menção Honrosa do Prémio Sagrada Esperança 1997  
*Iniciação de Sartre & Simone de Beauvoir* (contos), 1.ª ed., UEA, 1998; 2.ª ed., Editorial Caminho, 1999  
Menção Honrosa do Prémio Sonangol de Literatura 1996  
*Filhos da Pátria* (contos), Editorial Caminho, 2001  
*The Serial Killer e outros contos risíveis ou talvez não* (contos), Editorial Caminho, 2004  
*A Luz Mínima* (poesia), UEA, 2004  
*O Dia em Que o Pato Donald Comeu pela Primeira Vez a Margarida* (contos), Editorial Caminho, 2006  
*Todas as Palavras* (poesia), Nzila, 2006  
*Auto-Retrato* (poesia), Editorial Caminho, 2007  
*Nossos Poemas de Amor* (poesia), Editorial Chá de Caxinde, 2009  
*O Homem Que Não Tira o Palito da Boca* (estórias), Editorial Caminho, 2009  
*Cântico da Terra e dos Homens* (poesia), Editorial Caminho, 2010

# JOAO MELO

## OS MARGINAIS E OUTROS CONTOS

(*Destrutivas evidências  
supostamente irrefutáveis*)

CAMINHO

a ver, confusa e aceleradamente, numa espécie de trágico turbilhão?

Talvez todos nós, os que sempre te amámos, tenhamos cuidado mal de ti, mas eu sinto-me particularmente responsável, como sempre me julguei responsável por ti ao longo da vida. Não sei se tal sentimento se deve ao facto de termos crescido sem o nosso pai e eu ser o irmão mais velho ou então se se tratava de uma espécie de compensação pela angustiada maneira como a mãe te amou, triste, mitigada e contraditoriamente. A verdade é que nós dois sempre o soubemos: a nossa culpabilidade não precisava de ser gritada aos quatro ventos, mas duraria até à morte. Pode, entretanto, a culpabilidade transformar-se em culpa? E em que circunstâncias? Terá sido essa complexa e enigmática metamorfose que me impeliu a registar a tua história? Será a literatura um ato de expiação? Perguntas. É só isso o que tenho hoje, cinco anos depois da tua morte, meu querido irmão morto. Não sei, sequer, se fui capaz de fazer-te um retrato fiel. Apetece-me apenas voltar à nossa infância comum no Maculusso, antes de tudo acontecer.

## Os marginais

Será mesmo que, como dizes, a nossa geração está perdida à margem da história? Não passamos, então, de meros «marginais históricos», condenados ao esquecimento total e irrevogável?

Esta pergunta, ferozmente dilacerada, como todas as perguntas ingénuas e fundamentais, quase shakespearianas, quis Pedro Buta, o «Esperança do Povo», fazê-la ao amigo, Carlos Dias, mas conteve-se, talvez com medo da resposta. Os dois estavam sentados num café em Paris, onde haviam combinado encontrar-se depois de dez anos sem se verem. Carlos tinha saído de Angola no ano 2000, na virada do milénio, pois achava que o país não tinha qualquer futuro e ele já tinha perdido demasiado tempo, pelo que, contra todas as suas juras e certezas do passado, resolvera emigrar para a Europa, em busca, dizia, de outra qualidade de vida. Como um dos seus avós, o velho Manuel dos Santos Dias,

era português, não teve dificuldades em obter a nacionalidade lusitana, mas não lhe passou pela cabeça um minuto sequer morar em Portugal, pois havia lutado toda a sua vida contra a antiga potência colonizadora para conquistar o direito de ser angolano, recordação que, agora, o fazia sentir-se envergonhado e deprimido, pelo facto de possuir igualmente a cidadania portuguesa. Para disfarçar tais sentimentos mesquinhos e lamentáveis, afirmava que não gostava de viver em Portugal, pois este, apesar do sol, é um país enfadonho. «E apenas um passaporte, porra! Na verdade, dá-me jeito, pois posso viajar para quase todo o mundo sem necessidade de visto...», consolava-se ele, por outro lado, quando não tinha de dar explicações a ninguém. Ele e Pedro Buta tinham-se conhecido quando os guerrilheiros do MPLA entraram em Luanda depois da Revolução dos Cravos em Portugal, acontecida no dia 25 de Abril de 1974. Carlos, que pertencia à estrutura clandestina do movimento na capital do país, começou a trabalhar no departamento de mobilização do MPLA juntamente com alguns camaradas que tinham participado na luta armada, um dos quais era Pedro Buta, um homem atarracado, compenetrado e pouco falador, mas com um ar sempre afável e sereno, com o qual fez imediatamente uma amizade tranquila e saudável, que atravessaria incólume todas as vicissitudes históricas de Angola nos seus primeiros trinta e cinco anos de existência. A princípio, Carlos, então com

pouco mais de vinte anos de idade, achava que o nome de guerra do novo amigo – «Esperança do Povo» – possuía um poderoso e inefável charme revolucionário, cujo simbolismo, apesar de óbvio, ou precisamente por causa disso, ele considerava exaltante e inspirador, mas, à medida que as sombras foram ocupando o seu inelutável lugar na história, tornando os sonhos antigos cada vez mais rarefeitos e absurdos, passou a fazer, embora apenas para si mesmo, toda a sorte de trocadilhos, impiedosos e cruéis, com a designação com que Pedro Buta insistia, apesar de tudo, em ser conhecido.

Como aconteceu com muitos jovens que não tinham participado na luta armada, mas tinham integrado a estrutura clandestina do MPLA no interior do país ou até mesmo que apenas se juntaram ao movimento depois do 25 de Abril, Carlos sentia um fascínio inexplicável pela figura do comandante Nito Alves, cujo discurso, pomposo e emaranhado, era incapaz de entender, mas que o empolgava de tal maneira que não podia passar sem ele. Por isso, assistia a todos os seus comícios, guardava todos os seus discursos e lia todas as suas teses, esforçando-se desesperadamente por captar o sentido daquelas palavras opacas, mas estridentes. Tornou-se, assim, um dos seus exegetas anónimos e voluntários. Para resumir com uma frase, pode dizer-se que Carlos Dias se tornou um dos principais propagandistas de Nito Alves. Até em casa fazia questão de reproduzir à mulher, com ardente

entusiasmo, as palavras do comandante revolucionário, cuja cruzada contra a «pequena-burguesia reacionária» (obscura expressão muito usada na época, quando, entretanto, era considerada brilhante e luminosa) ele assumia como a sua própria causa, assim como de todos aqueles empenhados em contribuir para a plena vitória da Revolução em Angola, ameaçada pela social-democracia, o que, ao fim de poucos meses, levou aquela a tomar uma decisão drástica: fez as malas, pegou no filho de treze meses e foi-se embora para Lisboa, onde vivia uma tia. Alice, a mulher de Carlos, filha de um funcionário público e de uma enfermeira, não tinha a intenção de participar em qualquer luta de classes, desfaldando bandeiras que para ela eram assustadoras e entoadando palavras espessas, enigmáticas e perigosamente ambíguas. Na verdade, ela tinha sonhos mais modestos, como, por exemplo, continuar a estudar e ver crescer o filho como uma criança normal.

Os confusos acontecimentos, históricos e pessoais, em que Carlos Dias estava cada vez mais emredado, embora sem consciência, só não tiveram um desenlace infeliz devido à atitude que Pedro Buta teve no episódio do 27 de maio de 1977, quando Nito Alves ensaiou um golpe de Estado para tentar derrubar o primeiro presidente do país, António Agostinho Neto. «Esperança do Povo» foi colocado numa comissão que tinha como tarefa ouvir as declarações prestadas pelos detidos por

causa do seu envolvimento na intontona, real ou forjado, a fim de determinar o seu hipotético grau de culpa e, sobretudo, definir o que deveria ser ou não transmitido na rádio estatal. Um desses detidos mencionou o nome de Carlos Dias como um dos mais honestos intelectuais marxistas-leninistas que apoiavam a causa de Nito Alves contra os traidores social-democratas infiltrados no MPLA, argumentação usada na época com absoluta convicção, sem quaisquer aspas, ironias subentendidas ou, no mínimo, tonalidades que lhe amenizassem o tom absoluto, anulando as sombrias consequências que a mesma deixava transparecer. Pedro Buta, que naquele dia estava sozinho, o que era um sinal da confiança de que gozava junto da direcção do partido, deu um pulo da cadeira, que caiu com estrondo no chão. Começou a suar frio. No entanto, agiu com presteza. Chamou o jovem operador de som e, sem denotar qualquer sobresalto, paixão ou interesse, ordenou-lhe que eliminasse um determinado trecho das declarações, que, explicou, era uma repetição. Assim, ninguém soube jamais que o amigo tinha sido referido por um dos chamados nitistas como um suposto apoiante do movimento. Naqueles dias assombrosos, essa simples referência, comprovada ou não, era quanto bastava para ser passado pelas armas justiceiras da Revolução.

«Revolução.» Sentado naquele café em Paris diante do seu velho amigo Carlos Dias, que salvara da morte em maio de 77, sem nunca o ter revelado

a alguém, Pedro Buta sentiu um nó no estômago quando evocou que, na época, ambos os lados esgrimiam essa palavra para tentar justificar os seus atos. O mais absurdo é que, trinta e três anos depois, praticamente mais nenhum daqueles que na época não tinha hesitado em matar e morrer em nome dela, qualquer que fosse o lado da barricada em que se tinha posicionado, se sentia confortável em continuar a usar essa ideia e em nomear essa palavra gelatinosa e tantas vezes perversa. Finalmente, dava-se conta da profunda inutilidade de todas as certezas absolutas que, apesar de tudo, tinham feito mover a história até àquele momento em que tentava convencer o velho amigo a esquecê-la ou, pelo menos, a pôr sobre ela um véu opaco e espesso, alegadamente impermeável, e regressar a Angola, pois a guerra acabara e, agora, o país estava cheio de oportunidades para todos, em especial para os quadros como Carlos Dias. Este respondeu-lhe brutalmente, mas sem qualquer emoção na voz:

— Oportunidades? Que oportunidades? E para fazer o quê com essas supostas oportunidades? Acorda, homem! Liberta a cabeça desse pesado gelatinoso, que, historicamente confundido, sequer consegue caracterizar. A malta da nossa geração que ainda pensa que a luta pode ser pura e justa, como dizia o poeta, só tem uma opção digna do nosso passado: desistir e saltar do barco, para não nos misturarmos com toda a imundície que aqueles que admirávamos na nossa juventude, como se fos-

sem deuses, produziram, ao longo de todos estes anos de exercício do poder... A não ser que me estasias a aconselhar a ser pragmático, essa palavra que, de há uns anos a esta parte, começou a ser usada para ocultar uma outra, mais honesta e sincera, embora brutal: oportunista... Queres fingir que ainda somos leais aos velhos heróis, continuando a servi-los para, no fundo, nos servirmos deles, do seu nome e do seu poder, pelo menos para podermos pagar as nossas contas ou, quem sabe, para tirarmos outras vantagens pessoais de tudo isso, em especial agora que a ideologia foi substituída pelo capital? Não contes comigo para essa farsa...

O que mais perturbou Pedro Buta não foi a brutalidade daquelas palavras de Carlos Dias, mas, sobretudo, o facto de ele as proferir de maneira aparentemente desapaixonada, sem levantar a voz, os olhos inócuos fixos num ponto qualquer do horizonte, vago e distante, como se, escolhido ao acaso por um casting a que não concorrera, estivesse a ler um discurso fúnebre escrito por terceiros para alguém que lhe fosse total e perfeitamente desconhecido. Enquanto falava, Carlos Dias não deixou de beber a taça de vinho que tinha à frente, ao lado de um prato de queijos. Tudo tão óbvio, tratando-se de Paris, que Pedro Buta teve de conter-se, para não explodir.

— Não te estou a reconhecer, Carlos! O que afirmas é um exagero absurdo e absolutamente destrutivo. Pior: um autoflagelamento. Uma deplorável

manifestação de masoquismo. Na verdade, nós (ou pelo menos alguns de nós) ainda sobrevivemos, ainda nos esforçamos, ainda fazemos planos, modestos, é certo, mas planos. A humanidade já sabe que jamais seremos capazes de mudar o mundo, mas ainda somos ouvidos... Sim, ainda somos úteis, porra!...

Carlos Dias lembrou-se de como tinha sido útil ao longo de todo aquele tempo. Várias vezes se tinha perguntado por que razão também não foi preso após o 27 de maio, pois as suas simpatias pelas ideias de Nito Alves eram notórias. A verdade é que não apenas não foi molestado, em momento algum, como chegou a diretor nacional do ministério onde trabalhava. Pensando bem, outros nitistas, irrefutáveis ou supostos, alguns dos quais chegaram a ser presos, foram nomeados ministros e, inclusive, vários deles acabaram por ser eleitos para a direção do partido, o que, para alguns, comprova que a reconciliação com os responsáveis pela intentona de 27 de maio de 1977 já foi feita. Ele nunca concordara com essa tese, pois as organizações devem discutir abertamente os seus problemas e não varrê-los para debaixo do tapete. Acomodar determinados indivíduos e distribuir algumas benesses não passa de uma estratégia escabrosa e historicamente inútil. No passado, Carlos Dias quis discutir várias vezes esse assunto com «Esperança do Povo», mas nunca chegou a fazê-lo, com receio de ser mal compreendido: afi-

nal, ele foi igualmente um dos beneficiários dessa estratégia, o que continuava a intrigá-lo até àquele dia em Paris, dez anos depois da sua saída voluntária do país, quando o velho amigo e camarada o convidou a regressar a Angola, a fim de contribuir para o novo arranque da nação, agora que a guerra terminara. Segundo ele, a paz em Angola reservava oportunidades para todos, desde que tivessem vontade e capacidade. Enfim, Pedro Buta continuava igual a si mesmo: um ingénuo. Não valia a pena perguntar-lhe por que motivo ele, Carlos Dias, não fora preso no 27 de maio.

O antigo intelectual revolucionário perguntou-se onde é que o velho Karl Marx tinha a cabeça quando afirmou que o movimento da história em direção ao progresso era supostamente inelutável. Um breve incómodo fê-lo engolir em seco quando se lembrou de que, mais recentemente, um guru do conservadorismo americano garantiu, após a queda do Muro de Berlim, que a história havia terminado. Os lugares-comuns são implacáveis: realmente, os extremos tocam-se... A maka é que a história não é linear, porra nenhuma! Se não, ela não seria sujeita, periodicamente, a tantas revisões ou, mais dramaticamente ainda, a tantos ajustes de contas, quantas vezes sangrentos. O velho amigo, contudo, continuava a usar aquele verbo insidioso — «contribuir» — como se o tempo tivesse parado. Sim, no passado eles tinham «contribuído», ou seja, tinham sustentado os guerrilheiros que vie-

ram da mata, onde lutaram (ou, no caso de alguns deles, dizem que lutaram) pela independência, fornecendo-lhes os instrumentos necessários para exercerem o poder: a ideologia, as leis, os conselhos técnicos. Na verdade, todos os membros da geração dele eram possuídos, na altura, por sonhos modestos, embora proclamadamente grandiosos: desejavam apenas, com toda a convicção, ser úteis. Pensando agora, à distância, talvez fossem movidos igualmente por uma espécie de sentimento de culpa, em virtude de não terem tido a coragem ou a oportunidade de participar na luta armada. Por isso, alegavam querer apenas servir a Revolução e jamais – *vade retro* – servirem-se dela. Inocentemente, exultaram quando forneceram aos «combatentes da liberdade» as industriais e diligentes chaves para abrir a caixa onde, regorgitante e ansioso, como se dominado por uma exaltante e tenebrosa ansiedade sexual, repousava o poder.

Depois de dez anos de exílio tranquilo em Paris, onde estava a fazer um pós-doutorado, mantendo com Angola um contacto meramente episódico, Carlos Dias começava a ter com a linguagem uma relação menos epidérmica.

– «Contribuir?» «Ser útil?» Por que indcifrável razão ainda hoje, quando discursamos (e qualquer que seja o formato do nosso discurso), teimamos em imprimir às nossas palavras bem artumadas um serôdio tom de autoridade? Pura estultícia. Aconteceu a essas palavras, hoje, o mes-

mo que sucedeu à palavra «Revolução»: perderam toda a sua aura. A sensação que me assalta todas as noites, agora, é que, nestes trinta e cinco anos, apenas fomos usados, como peças mais ou menos úteis, mas, afinal de contas, descartáveis. Para eles, a questão-chave sempre foi uma: poder. Sim, eles foram escravos, mas, precisamente por isso, tinham gravada na memória e no sangue, como uma espécie de DNA invertido, a terrível importância do poder. Por isso, sempre fomos olhados e tratados como simples peças, de maior ou menor serventia, de uma sombra e desconhecida engrenagem que, apesar de termos ajudado a construir, nunca chegámos a dominar. Sem nós, caro «Esperança do Povo», eles nunca teriam tomado o poder, mas, agora que o consolidaram, deixámos de ter qualquer utilidade para o sistema que nós próprios ajudámos a tecer. E, não te iludas: por causa da biologia, eles terão, como é óbvio, de deixar o poder, querendo-o ou não, mas não julgues que seremos nós a sucedê-los, pois as novas gerações, que se seguiram à nossa, estão aí, prontas e assanhadas para tomar nas suas mãos as rédeas do país. O poder vai ser assumido pelos imberbes, sem qualquer passado político, que não tiveram de passar por tudo aquilo que a nossa geração passou e, além disso, alegadamente desprovidos de qualquer ideologia, como, segundo o atual pensamento dominante, é «politicamente correto», mas com mestrados e doutorados no Ocidente e que,

neste momento, já são os gestores dos grandes grupos económicos criados pelos antigos «libertadores». Nessas circunstâncias, como queres que eu regresses?

Pedro Buta, o «Esperança do Povo», não queria acreditar no que Carlos Dias lhe dizia, com uma tonalidade que ele hesitava em caracterizar. Amargurada? Rairosa? Irónica? Ou simplesmente *blaise*? As suas recordações levaram-no até ao período em que se conheceram, quando ele regressou a Luanda após catorze anos nas matas a lutar pela independência de Angola, tendo sido recebido, juntamente com outros guerrilheiros, por um grupo de camaradas da estrutura clandestina do movimento na capital do país. Carlos era um deles. Inteligente, culto, conhecedor profundo da teoria marxista-leninista, mas também de uma humildade genuína, sem qualquer afetação, foi fácil estabelecer amizade com ele. Muitas vezes conversaram sobre os riscos de degradação da Revolução. «Esperança do Povo» conhecia muito bem os participantes da guerrilha anticolonial e, por conseguinte, sabia que muitos deles apenas pretendiam engordar a bolsa vazia com que partiram um dia para a luta. Os dois concluíram rapidamente que, apesar da invocação do marxismo como ideologia do movimento, o número de autênticos marxistas na organização era praticamente nulo. Nem eles nem ninguém, contudo, viram nisso qualquer presságio especialmente in-

quietante, o que, reconhecia ele trinta e cinco anos depois, tinha sido um erro fatal. Se esse facto tivesse sido corretamente interpretado, quer pelos próprios angolanos quer pelos seus «amigos» e «inimigos» estrangeiros, talvez a história do país tivesse sido outra. Pedro Buta não pôde deixar de recordar que Carlos Dias, precisamente, era um dos que mais bradava contra os «falsos marxistas», o que o levava a aproximar-se das teses radicais de Nito Alves. Mas, na verdade, o amigo não teve qualquer participação na tentativa de golpe, como ele próprio podia confirmar, pois Carlos tinha passado a noite anterior ao 27 de maio na casa dele, Pedro Buta, cujo apoio ao presidente Neto não podia ser posto em causa por ninguém. Por isso, tinha mandado eliminar a referência ao nome dele na entrevista de um dos detidos naquele processo sombrio e complexo. Depois disso, o amigo contrinou a militar no partido, assim como a trabalhar no ministério onde entrara no fim de 1976, tendo chegado a diretor nacional.

Em 1979 Agostinho Neto morreu e foi substituído por José Eduardo dos Santos, então com 37 anos. Os históricos que, dois anos antes, tinham estado ao lado de Neto, contra a intenção conduzida por Nito Alves, faziam discursos em que exigiam do novo presidente que não se desviasse um milímetro sequer do caminho que, segundo pensavam eles, grotescamente, tinha sido definido pelo primeiro para toda a eternidade, como se a his-

tória fosse imutável. Uma das suas exigências era que José Eduardo jamais negociasse com os «fan-toches». Ao recordá-lo, Pedro Buta interrogou-se qual teria sido a reação desses históricos, ao saberem, anos mais tarde, que Agostinho Neto, antes de morrer, estava a tentar chegar a um acordo com Savimbi, o líder da UNITA, para o estabelecimento da paz em Angola. A verdade, entretanto, é que, mesmo que o quisesse, o presidente José Eduardo não poderia dar esse passo, pois, a partir dos anos 80, a guerra adquiriu uma dimensão assombrosa em todo o país. Graças ao apoio massivo e inédito da administração americana, chefiada por Reagan, a UNITA transformou-se de um grupo residual e confinado ao sudeste de Angola numa das forças guerrilheiras mais poderosas da história recente da humanidade. Tudo isso era reflexo da guerra-fria. Os EUA estavam empenhados em derrubar a chamada comunidade socialista e, além da propaganda e da pressão armamentista – que forçava a URSS a utilizar a maioria dos seus recursos na vã tentativa de acompanhar os gastos militares americanos, com conseqüências destrutivas para a economia soviética –, promoveram guerras localizadas em África, na Ásia e na América Central, a fim de destruírem os aliados da antiga potência socialista, como era o caso de Angola. Revelando a sua enorme visão estratégica ou o seu profundo instinto de sobrevivência (como quiserem), José Eduardo dos Santos afastou a «esquerda ideoló-

gica» do núcleo dirigente do MPLA, em 1985, e ensaiou uma reforma económica liberalizante, num esforço de encontrar uma solução interna para a guerra civil e para a estagnação da economia. A dinâmica do mundo, contudo, era outra. O enfraquecimento interno e externo da União Soviética conduziu à queda fragorosa e mediática do Muro de Berlim, em 1989, e, a partir dessa data, tudo seria diferente. Pedro Buta recorda que, desde 1985, o seu amigo Carlos Dias estava cada vez mais céptico. «Tiraram os únicos marxistas do Bureau Político! Que partido marxista-leninista é este?», questionou ele, em 1985. Em 1989, quando o presidente foi a Gbadolite encontrar-se com o líder da UNITA, numa tentativa de acordo que falharia rotundamente, não se conteve:

– O Savimbi e o Mobutu abandonaram o presidente! Como é que o José Eduardo acredita nesses dois bandidos? Esses gajos só à porrada...

O acontecimento que mais deprimiu, visivelmente, Carlos Dias foi a queda do Muro de Berlim. Na realidade, os seus sentimentos em relação a esse acontecimento eram altamente contraditórios. Por um lado, e após o seu «namoro» com os nitistas, uma década antes, a sua anterior simpatia pelo regime soviético tinha começado a desvanecer-se. Desde logo, as evidências eram tão poderosas, que ele foi obrigado, por exemplo, a levar a sério as denúncias da repressão contra a primavera de Praga, assim como as informações relativas aos acontecimentos

de 1956 na Hungria. Além disso, ele próprio foi várias vezes a Moscovo, a serviço do ministério, e regressou de lá, após todas essas viagens, com um mal-estar difuso, mas espesso, que foi decifrando gradualmente. Incomodava-o a degradação ecológica, claro, cujo contraste com a situação no Ocidente, que ele também conhecia, era incontável, mas principalmente o ambiente de falta de liberdade que ele pôde constatar de todas as vezes que esteve em Moscovo e outras cidades do referido país. Por outro lado, contudo, as suas «razões de queixa históricas», como ele insistia em dizer – contrariando aqueles que, não tendo sofrido na pele, durante séculos, o anátema aviltante do chicote, as chamavam e continuam ainda hoje a chamar, desdenhosa e insultuosamente, «ressentimentos» –, faziam-no sobressaltar-se diante das imagens festivas do muro derrubado com raiva e alegria por uma multidão que ele amava com um sentimento juvenil que há muito esquecera e, ao mesmo tempo, gostaria profundamente de odiar. A questão, aparentemente, era simples: a colonização dos angolanos e outros povos tinha sido obra do Ocidente, enquanto a luta pela sua liberdade e independência tinha sido apoiada sobretudo pelos chamados países socialistas; daí a angustiante e incontrolável sensação de orfandade que ele não podia deixar de sentir, agora que esses países se estatelavam fragorosamente, como meros castelos de cartas, ajoelhando-se de maneira vil diante das

potências ocidentais. O seu amigo, «Esperança do Povo», questionou-o muitas vezes, nessa época, sobre a estranha razão pela qual ele, Carlos Dias, um intelectual, cuja obrigação é ser capaz de elaborar reflexões complexas, se deixava deprimir assim por raciocínios simplistas e dicotomias grotescas, mas o facto é que, se analisarmos, digamos assim, a história universal da intelectualidade, a pergunta não tem resposta. A maka é mais profunda do que qualquer ideologia.

A derrocada do socialismo real foi, pois, um golpe profundo para Carlos Dias, mas o episódio fatal, recorda-se Pedro Buta, aconteceu em 1990, quando o MPLA resolveu abandonar oficialmente o marxismo-leninismo, para passar a ser «socialista democrático». Sem hesitar, deixou o partido, pediu a reforma do ministério e aceitou o convite de uma ONG internacional ligada aos direitos humanos para ser o seu representante em Angola. «Esperança do Povo» não pôde, na altura, deixar de notar que o facto de essa ONG ser oriunda de um país ocidental, estranhamente, não perturbou o seu velho camarada e amigo, mas há muito que ele tinha aprendido a relativizar o estado de espírito de Carlos Dias. Os factos, aparentemente, deram-lhe razão. Com efeito, Carlos entrou rapidamente em conflito com a direcção da ONG onde trabalhava, quando começou a constatar que a mesma eliminava dos seus relatórios todas as referências às movimentações militares da UNITA no inte-

rior do país, antes das eleições previstas para 1992. Apesar da organização liderada por Savimbi não ter desmantelado as suas forças militares, como estava previsto no acordo de paz assinado com o governo, as eleições tiveram lugar nos dias 29 e 30 de setembro do referido ano. Carlos Dias votou no MPLA e no presidente José Eduardo dos Santos, sob um argumento então considerado, pela maioria dos angolanos, supostamente irrefutável:

— O Savimbi é um doído varrido! Se ele e a UNITA tomam o poder é o fim da picada!...

Em outubro, quando a UNITA, incomformada com a derrota nas urnas, resolveu tentar um golpe de força em Luanda, Carlos Dias esqueceu-se de que já havia deixado o MPLA, tinha-se reformado do Estado e, agora, era o representante de uma ONG internacional de defesa dos direitos humanos, apresentando-se sem hesitação ao comité criado no seu bairro para defender a cidade. A sua imagem de armas na mão participando nos combates de rua foi transmitida por um canal televisivo português, o que levou a direção da ONG que ele representava em Angola a despedi-lo, «por conflito de interesses». Um mês depois encontrou Pedro Buta na rua, contou-lhe as novidades e disse-lhe que tinha decidido passar apenas a dar aulas na Universidade. «Esperança do Povo» teve a impressão de reconhecer o jovem militante que, em 1974, o recebera na sede do MPLA em Luanda.

Por tudo isso, naquela tarde, em Paris, ele não acreditava no que escutava da boca do velho amigo. É verdade que, em 2000, Carlos Dias cansara-se de esperar pelo país eternamente adiado e resolveu autoexilar-se no estrangeiro. Pedro Buta, que, mais do que qualquer outro, sabia que o amigo tinha estado pronto a defender o país sempre que isso foi imprescindível, compreendia-o, embora nunca tivesse deixado de sentir-se condoído (ou, talvez, mortificado) com a sua ausência, durante os dez anos em que tinham deixado de ver-se. Esse sentimento estrita e profundamente pessoal — e não qualquer ridícula noção de «dever patriótico» e muito menos de «espírito revolucionário» — foi o que o fez marcar aquele encontro, aproveitando a sua passagem na capital francesa, para tentar convencê-lo a regressar. A guerra tinha cessado, finalmente, o país começava a crescer e o esforço de todos era essencial para concretizar o velho sonho que, trinta e cinco anos atrás, eles pensaram, ilusoriamente, ser fácil de materializar. Sim, como dizia o Carlos, a paz, aparentemente, beneficiava mais uns do que outros, o falhado socialismo do passado fora substituído por um capitalismo ferozmente selvagem e boçal e a democracia que constava na Constituição e nas leis não passava de uma falácia. Porém, bem-vindas essas makasi! Pelo menos, tratava-se de problemas normais, comuns a muitos países, e não problemas causados por uma guerra que parecia nunca mais ter fim... Além

disso, cabia a todos tentar resolvê-los. «Esperança do Povo» recusava-se a compreender aqueles que passavam a vida a criticar a situação do país, mas que, deliberadamente, se colocavam à margem, como se não fossem angolanos. Alguns, como o seu velho amigo Carlos Dias, resolveram emigrar. Mas ele conhecia outros que continuavam a viver no país como se estivessem em Lisboa ou em Londres. Muitos deles haviam-se envolvido, nos primeiros anos de independência, em atividades políticas e revolucionárias de todo o tipo, inclusive nos órgãos de segurança, mas agora queriam esquecê-lo radicalmente. Não apareciam em lugar nenhum, não conviviam com ninguém, não participavam em nada, em suma, não contribuían. Não se sabe se Pedro Buta pensava em todos eles ou apenas no amigo que estava à sua frente, bebendo um *Beaujolais* e saboreando pequenos pedaços de *Gryère* como se isso fosse o seu destino íntimo e irrevogável, quando respondeu:

— «Eles»? «Eles» quem, Carlos?! Como dizes, a malta do interior recebeu os guerrilheiros como uma espécie de deuses, talvez cientes de que, sem o seu sacrifício, jamais se poderiam converter em «nós». Mas nem todos nós os que participámos na guerrilha pensávamos no poder da maneira tortuosa e destrutiva como o proclamamos agora. O poder, para nós, não era um sonho secreto e pecaminoso. Era um destino inelutável. Uma condição para que o «nós» pudesse existir de facto, em toda

a sua plenitude, aventura e alegria. A verdade é que, nos primeiros anos da independência, a possibilidade dessa construção parecia irrefutável. Quando foi, então, que o «nós» se cindiu? Quem são os culpados por essa fratura insidiosa, que esvaziou o sonho coletivo e instaurou novamente o «eles»? O «eles» a que te referes, com amargo e dorido acinte, somos nós, que não lográmos cumprir o que anunciámos, traindo, supostamente, todos aqueles que nos acolheram como deuses em 74? Não, caro amigo. Reconheço, há muito, a tua lucidez. Portanto, não cedas à tentação da autodesresponsabilização. Todos nós destruímos o «nós» que desejávamos construir, mas que, na realidade, talvez jamais pudéssemos ser. Essa pele, na verdade, é demasiado curta para tantas culpas, tantos ressentimentos, tantos desejos, tantas ilusões, tantos interesses. Nesse sentido, fatalista ou não, a responsabilidade histórica é sempre coletiva. O que fazer?, perguntas-me. Assumir essa impossibilidade de maneira serena e construtiva. Ser capaz de urdir sonhos mais modestos e realizáveis, mas profundamente dignos e úteis. Erguer novas bandeiras, circunspectas e perseverantes, para que «eles» não se esqueçam jamais do «nós». Afinal, mesmo rarefeito e desprezado, o «nós» é uma permanente espada de Dâmocles sobre aqueles que insistirem em pensar que a história acabou. Esse é o nosso novo papel. Discordo, pois, de ti, quando dizes que nós somos os «marginais históricos»,

condenados para todo o sempre a falar apenas para si mesmos, tautologicamente, o que é mais trágico e absurdo do que gritar no deserto. Compreendes?

Carlos Dias não respondeu. Na realidade, tinha deixado de escutar o que Pedro Buta dizia. Os seus olhos estavam fixos nas águas silenciosas do Sena, que corria, modesto e rídículo, diante da imagem caudalosa do Kwanza que não lhe saía da cabeça, ao lado do café onde eles se tinham encontrado. Aquela tarde, em Paris, estava particularmente amena. Contudo, Carlos tinha uma vontade brutal e inexplicável de estilhaçá-la em mil pedaços, tingindo-a violentamente de sangue.

#### ASSENTO

Os contos que compõem o presente volume foram escritos em 2010, ano em que Angola assinalou 35 anos de independência, em Luanda, Lisboa, Houston e Rio de Janeiro. Foram revistos entre 2011 e 2013.